

O MUNDO DOS KAPPAS

VASCO SOARES DE OLIVEIRA E CUNHA¹

¹ Professor Aposentado da Escola Superior de Educação de Viseu;

Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Viseu de 1995 a 2002;

Fundador e Diretor da Revista *Millenium* entre 1996 e 2002 – Portugal. (e-mail: lcunha@pres.ipv.pt)

Nota prévia:

Kappas (K's de forma abreviada neste texto) é o nome de uma tribo imensa cujas raízes se perderam no espaço e no tempo. A pouquíssima investigação disponível sustenta apenas o que é óbvio para qualquer sociedade milenar – que os seus membros viveriam fundamentalmente da pesca nas margens de grandes rios, da agricultura e do comércio em terras secas e inférteis. Por razões de natureza política, ou religiosa, ou ainda por perseguições implacáveis movidas por clãs poderosos e intolerantes que cresceram no seio da sociedade, os k's ter-se-ão dispersado em tempos imemorais por toda a Europa mediterrânica, localizando-se nas suas extremidades meridionais as maiores concentrações da diáspora.

Kappas permanece, igualmente, um nome indecifrado. Porventura, indecifrável. Uma tese já mais que centenária, mas muito pouco credível no seio da comunidade científica, avanta a hipótese de que k's é apenas a designação de uma das guturais surdas da língua primitiva da tribo, presente em palavras chave para o conhecimento do caráter e da cultura deste povo. Conceitos como discernimento débil, frivolidade, narcisismo, empáfia, sobrançeria, oportunismo e oportunista, trânsfuga, renegado, seguidor, catavento, mentira, trapaça, roubo, conservadorismo extremo, guardião de virtudes e de valores, censor, e tantos outros, iniciar-se-iam, todos eles, pela letra k do seu alfabeto. Ainda segundo a mesma tese, identificar-se-iam como k's os indivíduos com este perfil de mediocridade, de sordidez e de imobilismo.

Para o investigador, cuja identidade lamentavelmente se perdeu, estas características constituíram mesmo, no seu todo, fator quase infalível de êxito na vida.

Mistura de ficção e de realidade, o texto que hoje lhe oferecemos poderá contribuir para a sua reflexão sobre a vil torpeza humana e a obscenidade em que a vida social e política transforma as suas instituições mais fundamentais.

1. Durante mais de sessenta anos os k's viveram sentados às mesas do orçamento. Sem nunca de lá se levantarem. O Império começou por oferecer-lhes um banco tosco e rijo diante de mesas de equilíbrio instável, nodosas e sebatas, de dietas uniformes, insípidas; de caldos deslavados, pão resso, fruta do refugio. De restos, em refeitórios que mais pareciam alas de condenados à espera da solução final, tugúrios bafientos, espaços polivalentes coalhados de estantes, de expositores poeirentos, de pilhas infindáveis de Diários do Reino, aqui e ali o bolor espreitando por entre portarias e despachos; de um lado, gabinetes sujos, esconsos, labirínticos, inundados de secretárias, de arquivos, de amanuenses e auxiliares; do outro, impressoras, encadernadoras, guilhotinas ensurdecendo formigueiros diligentes, autómatos, de gente abraçando brochuras, manuais, romances, poesia, códigos, ensaios. Filosofias. Obras que ninguém lia ou desfolhava.

Foi inverno e inferno de pouca dura. A fidelidade fidelíssima dos k's aos sacrossantos princípios e valores do estado, às soluções musculadas do poder, e o namoro sem decoro às nomenclaturas locais e nacionais bem cedo os promoveram à condição de quadros superiores de educação, içando-os das catacumbas de pesadelo para o coração do Ministério. Para o espaço quase incorpóreo, abstrato, em que os grandes espíritos se movimentam, de um lado o mar, do outro, suaves colinas mediterrânicas, liberto dos muros que agrilhoam a luz e a inteligência, limitadores de reflexões peripatéticas profundas por caminhos amplos que conduzem às ideias criadoras, riscando no céu a geometria do novíssimo, do eterno, metamorfaseando a vida em leis, esses invólucros sólidos, materiais, pilares do reino que moldam o bulício das nações.

Os k's, porém, não se sentiam inteiramente à vontade neste mundo de reflexão e de sonho. Também não estavam sós. Uma legião imensa de outros privilegiados, de pensamento seco, rarefeito, fazia-lhe companhia. O desenho de arquiteturas complexas e densas, e as linguagens, ora objetivas, rigorosas, ora pejudadas de subjetividade, de simbolismo e de metáfora, sabiam-no desde os seus verdes anos, projetavam-se para além do seu entendimento. Era tarefa apenas para apaixonados. Para filósofos e para poetas. Para artistas. As questões profundíssimas da ciência e da arte, essas compartimentavam-nas e depositavam-nas os k's em dois grandes apartados – o da análise e o da síntese da vida, onde a descoberta era, certamente, importante para a humanidade, mas que demandava perseverança sem limites e privação das coisas doces da existência. Do ar puro e fresco dos terraços amplos do Ministério; da sensação de quase levitação ao pisar o azul marinho, profundo e macio, de alcatifa do 12º; da volúpia, do êxtase quase dionisíaco que deles se apoderava na contemplação das mesas ubérrimas, dignas de deuses, e na seleção das suas carnes e dos seus peixes, dos doces e das frutas. Dos vinhos e dos brandies. Dos cafés.

Sabiam bem onde todo esse pensamento e esse conhecimento estavam armazenados. Melhor dizendo, sepultados. Nas bibliotecas de todo o mundo. Ali mesmo, bem pertinho, nos subterrâneos do Ministério. Mas só de pensarem neles os seus sentidos, todos eles, recuperavam as memórias, as ressonâncias, os odores fétidos dos anos de indignância. E também todos os medos. Bem no íntimo do seu ser; os k's entreviam a conspiração em toda e qualquer reflexão sobre a vida. Porque fonte potencial de mudança. E eles gostavam de ver o universo inalterado e inalterável.

2. No dia em que o império se afundou, os k's sentiram o chão sumir-se-lhes debaixo dos pés. Nas vagas agitadas da revolução, o ruído das fanfarras e os vivas à liberdade e à justiça e a morte à opressão e aos privilégios distribuídos pelo imperador prenunciavam uma maré altíssima de ajustes de contas e o banco dos réus para quantos haviam roubado ao povo todas as réstias de esperança mergulhando o reino numa alfurja hedionda e fedorenta.

O rol de benefícios que receberam, os k's sabiam-no bem, fazia deles alvos potenciais da sanha das multidões em fúria e em desvario. Os seus currículos profissionais quase retilíneos, sempre com ventos e marés de feição (o caos dos subterrâneos do Ministério havia sido, ainda assim, uma benesse, numa época de rarefação do emprego), sem escolhas e cansaços, sem transpirações, caíra-lhes do céu, de mão beijada, sem nada lhes haver sido exigido em troca – provas, certificações do seu saber, garantias de uma ética sã. Absolutamente nada. Na melhor das hipóteses, remoíam os k's, o novo poder condenaria globalmente o regime que agora, infetado de morte, se estilçava e ruía, deixando em paz cidadãos pacíficos como eles. Bom demais para poder crer! O mais certo seria fazerem regressá-los à vida cinzenta e monótona dos seus primeiros princípios, às mesas pobres do orçamento, precipitando-os, e a toda a nomenclatura, no abismo, decapitando favores e privilégios, agora que vinham aí, como por toda a parte se prometia, projetos múltiplos de democracia, tempos altos de cidadania, de endeusamento das capacidades, do poder da inteligência e do trabalho. Da competição apertada, mas justa. Um mundo que faria dos k's perdedores. Conheciam os desfiladeiros apertadíssimos das suas mentes e os meandros esconsos das suas almas para poderem alimentar ilusões. Só de pensá-lo, o medo repassava-lhes os corpos da cabeça aos pés e o sangue parecia deixar de circular-lhes nas veias. Por instantes, julgavam não lhes restarem forças para chegarem ao Ministério a tempo de ouvir o decano da corporação dos quadros superiores da educação e da cultura do reino falar de estratégias de adaptação e de resistência. Por nada deste mundo poderiam perder esse momento. Os k's sorveram todas as palavras, todas as tonalidades e inflexões da voz do homem experimentado, do dirigente calejado nos jogos do poder, que sempre sonhara lidar com os tempos mais sombrios e mais tenebrosos do Império.

Do homem que aliava à experiência de uma vida já longa o pragmatismo da ação em situações complexas. A queda do Império, contudo, pensavam os k's, constituía um labirinto novo, porventura insolúvel. Como o do rei Minos. Mesmo para uma cabeça brilhante. Mas logo apagaram os maus presságios. Queriam acreditar que o decano saberia pensar ideias e estratégias para se enfrentar a crise profunda. Para se viver com ela. Para ajudar a reverter a catástrofe, iminente.

Foi uma palestra breve, incisiva, pragmática. Com ela, o decano aliviou uma boa parte da tensão que atormentava a alma dos k's. Falou das mordidas crudelíssimas que a vida reservara aos melhores, da travessia penosíssima do deserto que viera interromper a obra fundamental do imperador e o bem-estar da nação. Cálice amargo lhe chamou, cujo líquido teria de tragar-se com coragem infinita. Sem, contudo, perder uma gota de esperança.

O ódio das multidões ignaras, incultas, afirmou o velho sábio, inteiramente dirigido contra os cavaleiros dos puríssimos ideais do Império e da Moral, continuaria ainda nas ruas e nas instituições durante meses. Talvez mesmo, anos, exigindo aos novos poderes o compromisso de depuração dos que, no passado, haviam sido intérpretes destacados da vida política, social, económica e financeira do reino, responsabilizando-os por todas as carências e misérias de um povo quase inteiro. Em marchas e manifestações. Em comícios onde desfilariam os discursos dos novos candidatos a pais da pátria. Nem todos falariam, porém, a mesma linguagem, lembrou o velho dirigente, e o povo bem cedo se daria conta desse pequeno-grande pormenor. Esse ovo de fragmentação, assim baptizou esse germe, esse embrião de fratura, e a velha raposa esboçou um sorriso breve, alimentaria a dispersão da população pelo leque variado de opções políticas e sociais e diluiria gradualmente o ódio do povo ao Império, atuando os partidos com maiores afinidades com o velho regime como rédeas moderadoras dos impérios mais primários dos seus seguidores. De resto, afirmou, muitos dos que agora pediam cabeças nas ruas desgovernadas sempre haviam sido genuínos cavaleiros andantes do pensamento mais conservador.

Mas todo este processo, prosseguiu, seria muito lento. E nem sempre linear. Iriam emergir, certamente, surtos de ebulição, abalos, mas cada vez mais espaçados e menos vigorosos. A temperatura de excessos, de violências, começaria também a ceder, até atingir uma linha geral de tendência para a estabilização social. Que o mesmo seria dizer, para a dissolução gradual da revolução e a instalação de uma sociedade, nova certamente, mas de pecados velhíssimos como o mundo. Para o velho filósofo e estratega, a democracia que se anunciava chegaria triunfante, com a sua linguagem de ouro tradicional – de liberdade do pensamento e da expressão, da livre escolha. Dos direitos humanos, da justiça pronta, da igualdade dos cidadãos perante a lei. Para o K mor, porém, não haveria muito a temer deste blá-blá inconsequente. Tudo se limitaria a

meros formalismos. Em pouco tempo, a velhíssima modorra mediterrânica reinstalar-se-ia. Uma atmosfera favorável ao regresso e à restauração do privilégio. Da discriminação. A começar pelas clientelas numerosíssimas dos novos senhores. O povo anónimo, esse, regressaria à descrença milenar, ao ceticismo imensorial. Cabe-nos agora, matutava o decano, fazer emergir as opções mais adequadas. Saber escolher os potenciais ganhadores da luta que já aí estava por toda a parte para podermos continuar a viver no mesmo mundo de desigualdades que sempre conhecemos. Não sendo uma promessa, era, contudo, uma luz que despontava. Os quadros superiores exultaram. A vida, pareceu-lhes, poderia oferecer-lhes ainda o sentido que durante muito tempo nela descobriram.

A voz profunda do decano teve de fazer-se ouvir com força redobrada para poder conter o fervilhar crescente da atmosfera do 12º. No silêncio absoluto que se instalou, a voz, já calma, mas em tom grave, convidou todos os k's a refletirem sobre as lições da História, a saberem lê-las com atenção apuradíssima. Em cada momento de todos os presentes revolucionários. Por outras palavras: alertou para a necessidade imperiosa de olhar a vida de forma pragmática, aprendendo a identificar o verdadeiro com o útil e conjugar estreitamente pensamento e ação. “Em Roma, sê romano”, a célebre máxima, poderia ser de grande utilidade, frisou o sábio, significando ela, apenas e só, que se deveria adotar e adaptar este catecismo simples, terreal, liberto de mistérios e de dogmas. De liturgias, de mensagens redentoras e de promessas de salvação. De mandamentos e de princípios muito simples. Adaptemo-nos, portanto. Mas... adaptemo-nos a quê? Muito simplesmente, às novas linguagens de revolução. Aos novos comportamentos dos cavaleiros andantes do momento e dos seus seguidores fanatizados. Sem, contudo, por nada deste mundo, e em nenhuma circunstância, abjurmarmos ou renegarmos a nossa essência primitiva de k's verdadeiros nas veredas estreitas da sobrevivência e da salvação.

O discurso chegara ao fim. A julgar pela ovação frenética e pelos rostos abertos dos quadros superiores do Estado a oração operara o milagre da ressurreição da esperança de poder deter-se a história e o tempo. De permanecerem sentados à mesa rica do orçamento.

3. A lição do velho decano deixou os k's eufóricos. Fê-los renascer das cinzas; permitiu-lhes acreditarem poder regressar aos dias fartos e fáceis das suas existências. Ao tempo vazio de sobressaltos da vida profissional. Nem sequer fora prescrita uma metodologia complexa de ação. Bastaria seguir o modelo catecismal do decano – moldar-se a todas as cores do novo espectro político; passar a engrossar comícios e manifestações; defender nas ruas o centralismo democrático vermelho, os grandes projetos e as belíssimas palavras rosa; a democracia social alaranjada. Os “grandes

valores externos” azuis. A ingenuidade anarquista. Até mesmo a restauração da antiquíssima monarquia. Seria necessário, também, fazer-se a avaliação permanente da força real de cada agremiação. Pontos importantes, a não esquecer – não errar o momento crítico de adesão à militância ativa numa das cores do arco-íris. Sobretudo, nada de guinadas súbitas. Perigosas. Nem demasiadamente para norte, nem demasiadamente para sul. Seria necessária uma prudência extrema, devendo a decisão ser tomada apenas e quando a margem de erro estivesse muito próximo do nada. Por outras palavras, exigia-se apenas ficar à espera da História. Bem desperto, porém.

E a História chegou com as matizações brandas de equidistância. A vida fácil dos k's, a grande farra, ei-las aí de novo! E foi o rodopiar louco de Ministério para Ministério, do Parlamento para o Governo e deste para aquele, salta-pocinhas especialistas de tudo e de nada, demitidos aqui por imprestáveis, repescados ali por cumplicidades, uma roda viva que só parou quando lhes ofereceram as direções dos grandes complexos de educação do país – as Academias Superiores das Ciências e das Artes. Para a educação, dizia-se, qualquer um serve. A mesa melhor do orçamento iria ser vitalícia. A democracia, tal como a ditadura imperial, tinha as mãos bem largas para os quadros superiores da Nação. Tinha razão o velho decano quando a qualificara de blá-blá inconsequente, de mera arquitetura formal. Fosse como fosse, ela revelava-se agora o melhor dos sistemas no mais perfeito dos mundos possíveis. Em momentos de exaltação e de desvario, mas só quando se encontravam sós, os k's chegavam mesmo a gritar bem alto: “Viva a Revolução!”. Com esta blasfémia traíam a essência primeira e última da sua tribo. Mas que importância tinha isso?

4. Dotados de um pensamento enxuto, os k's foram sempre quadros superiores sem espessura. Sem consistência. Vazios de ideias e de projetos, de estratégias de inovação e de desenvolvimento. Nos seus discursos paroquiais k's, farfalhudos, inchados de lugares comuns, repetitivos, circulares, criadores de uma realidade de plástico, o último igual ao primeiro e ambos se parecendo com todos os restantes, constituía tarefa impossível isolar uma ideia virgem, um desenho sistémico de ação consequente abrangendo as Academias como um todo. Em boa verdade, não chegava mesmo a ser um discurso. Era mais um linguajar sem virtude, avulso, desirmanado, o desprestígio permanente da palavra, que alguém qualificou um dia de “arrogância da ignorância”. O que equivalia a dizer – dimensão subversiva da incompetência. Ou, se se preferir, matriz de inquinação da governação.

Sabe-se, quase desde o início da história, desta história, que os kappas sempre estiveram cientes das suas limitações. Uma estratégia de diálogo institucional, esse ovo capaz de acicatar o espírito crítico e inventivo, não era para eles terreno arável e fértil. Pelo contrário, o exercício a solo do poder e da decisão, esse agir deletério, corruptor da

noção de esforço, do trabalho árduo, autoritário, prepotente, discricionário, não só assentava como luva às suas múltiplas e profundas incapacidades como matava à nascença a frutuosa conflitualidade de ideias, fonte de desenvolvimento e de liberdade, raiz de progresso, expressão livre de direitos e de diferenças. Foi esta a vereda estreita por onde se meteram os kappas, crucificando a comunicação unificadora do trabalho e da ação, varrendo as questões difíceis e incômodas para debaixo do tapete, impedindo as instituições de se afirmarem como mananciais de inovação, torrentes caudalosas, impetuosas, capazes de agitar as águas moles e doentias dos pântanos em que viveram desde a sua criação.

5. Os gabinetes dos k's eram espaços de excelência. “Talhados para homens da sua dimensão”, repetiam com frequência os ditadores. Sem sombra de pudor.

No topo das torres mais altaneiras das Academias e das diferentes federações, a perspectiva imensa que os gabinetes ofereciam dos complexos educacionais e das múltiplas instituições governamentais, dos tapetes verdes, dos campos experimentais, dos laboratórios, dos ateliers e do mundo buliçoso em redor só se diluía na linha do horizonte, no ponto de encontro do céu e da terra.

Lá dentro, era o casamento harmonioso das mesas ovais e das secretárias, sempre imaculadamente limpas e libertas de papéis, com o azul petróleo das alcatifas; eram os títulos dourados que se comprimiam nas estantes, nomes grandes do mundo das Ciências e das Artes. Lombadas que só a mão do encadernador alguma vez tocara.

Concebidos para o trabalho solitário de arquitetura de uma política forte e coerente, de grandes projectos de inovação, de desenvolvimento e de cooperação para o diálogo científico, artístico e cultural, para a coordenação das diferentes faculdades e institutos, os k's transformaram os seus gabinetes em subterrâneos de conjura e de maquinação perpétuas, abrindo-os a gente incompetente e feia, guiados sempre pelo seu princípio primeiro mais sagrado – usa e deita fora. Para manter as prebendas do poder.

Alturas havia em que, fechados por dentro a sete chaves, os gabinetes se transformavam em templo de isolamento e de silêncio absolutos. Os k's alimentavam ali, então, os seus delírios, os seus sonhos de loucura, projetando as suas figuras em granito fino sobre pedestais altíssimos, os rostos contemplando o infinito, na mão esquerda, em manual, o indicador da direita apontando os caminhos do futuro. A pedra, sonhavam os k's, projetaria no tempo a mentira de todas as suas vidas.

6. Na maior parte do tempo, porém, os espaços nobres dos k's assemelhavam-se a tumbas. Os k's dedicavam pouquíssimo tempo às Academias e aos escritórios. Com agendas sempre carregadas, que não se cansavam de mandar proclamar, viajavam constantemente para “importantes” e “decisíveis” reuniões de

coordenação e de decisão na capital, nunca dando a conhecer aos diferentes gabinetes programas, debates, conclusões.

Com o tempo descobriram um dos segredos maiores da mesa rica do orçamento. Ela era desmontável, podendo mesmo transportar-se numa simples mala de viagem, ou mesmo numa pasta de documentos. Com ela corriam Ceca e Meca frequentando todos os circuitos de congressos, seminários e mostras da tribo. Instalavam-se em hotéis de múltiplas estrelas, deliciavam-se com as iguarias dos mais requintados restaurantes. Eram os momentos mais aguardados dos eventos.

7. Geridas aos solavancos, as academias e as agremiações não foram nunca espaços de afetos e de lealdades. De liberdades. De sedimentos da memória.

A democracia formal permitiu que os k's "vivessem" da inteligência alheia, sugando o engenho e a arte dos que os possuíam, e rubricando sem pudor o seu nome por baixo.

Sic transit gloria mundi.

Recebido: 28 de março de 2012.

Aceite: 30 de abril de 2012.